



ENTREVISTA

DOROTHY LENNER

84 anos, bailarina e atriz

“Temos que aprender a ouvir o silêncio, ele é mágico como a vida.”



Olhar tranquilo, sorriso calmo, gestos acolhedores. A expressão de Dorothy Lenner já é um convite à aproximação, um convite à escuta, para compartilhar lembranças e memórias. Nascida em Bucareste, Romênia, viveu na Argentina antes de fixar-se no Brasil há décadas. Em sua narrativa estão claros os sinais do aprendizado com seu mestre Takao Kusuno, sobre a transgressão e superação das limitações físicas pelo bailarino, em um caminho onde a vida não se separa da arte, da criação, da vida e da morte.



RAIO-X

Dorothy Lenner

84 anos, Romênia.

Ocupação: Bailarina
e atriz



MAIS 60 Dorothy, nascida na Romênia, como chegou ao Brasil?

DOROTHY LENNER Saímos da Romênia, em 1939, quando Hitler invadiu a Polônia, eu tinha 7 anos. Partimos em um trem que nos levou a Trieste, na Itália. Lá, em Trieste, ficamos duas ou três semanas, para depois chegarmos à Gênova para tomar o navio que nos traria à Argentina.

Você guarda lembranças dessa viagem?

Sim, o trem estava cheio de diplomatas do mundo inteiro. Não só da Polônia, mas de outros países, fugindo da ameaça da guerra. Era terrível! Havia um limite de dinheiro que podíamos levar e lembro que minha mãe escondeu algum dinheiro extra, que não podia declarar, na minha bota e na do meu irmão e quando alguém me dizia “_tira a botinha, para deitar e descansar” eu falava “_não, não, não quero. Eu sinto frio nos pés”.(risos). Eu tinha 7 anos e meu irmão 11.

Por que a decisão de vir para América do Sul, para Argentina?

Bem, minha avó materna estava na Argentina, desde 1910. Minha avó, largou o marido e cinco filhos, porque havia se apaixonado por outro homem, um coronel engenheiro, argentino.

Muita coragem de sua avó, sem dúvida.

O que você quer? Fizeram-na casar-se com meu avô, aos 13 anos. Minha avó foi sua segunda esposa, ele era viúvo. Aquele homem com quem fugiu é que foi seu amor verdadeiro, ela largou tudo e mudou-se para a Argentina com ele. Quando partiu queria levar minha mãe, que tinha cinco anos. Minha mãe conta que meu avô disse “_Você pode ir, mas as crianças ficam comigo”. Com minha mãe eram cinco crianças.



“Quando fui para Londres, em 1966, como bolsista do Conselho Britânico para representar o Brasil no curso *Stage Craft and Acting* no *British Drama League*, não sentia falta de nada, só das minhas filhas. “

Também uma decisão difícil para sua mãe partir para a Argentina.

Sim. Em 1937, meu pai havia morrido, eu tinha cinco anos e minha avó já queria que viéssemos para a Argentina, mas minha mãe não quis. Em 1939, minha avó convenceu-a sob o argumento que após Hitler ter invadido a Polônia, não se sabia o que poderia acontecer na Europa e que, de qualquer forma, depois poderíamos voltar.

Mas vocês não voltaram.

Não. Voltei em 1967 pela primeira vez. Foi tão forte essa minha volta, foi uma catarse, para mim. Eu só aguentei três dias. Eu tive que vir embora, porque era tão forte, tão forte. Lá eu tinha, ainda, um tio e eu pedi para ele, queria ir até minha antiga casa. Pedi que me levasse até lá.

Você reencontrou sua casa.

Sim, só que a casa toda fora dividida. Lá estávamos sob o regime comunista. Em uma das partes, estavam duas médicas e fiquei contente de conhecê-las. Foi forte esse retorno. Em 1974, voltei com minhas filhas para que elas conhecessem sua ancestralidade.

Você já tinha as três meninas?

Sim. Foi assim: em 1952 fiquei noiva. Casei-me em 1953 e em 1954, nasceu minha primeira filha. A segunda nasceu em 1961 e a terceira em 1963. Quando fui para Londres, em 1966, como bolsista do Conselho Britânico para representar o Brasil no curso *Stage Craft and Acting no British Drama League*, não sentia falta de nada, só das minhas filhas. Em Londres, morava num quarto, com uma piazinha, o banheiro era fora, eu não estava nem aí (risos) Se eu pudesse ter minhas filhas, teria tudo que queria. Tinha acabado de me separar, então.

Quem ficou cuidando das meninas?

Elas ficaram com minha mãe e com uma enfermeira que tinha cuidado da mais nova quando nasceu. Na verdade cuidou das minhas três, da Vivian, da Alexa e depois da Nina. Sempre tentei que meu trabalho não interferisse no meu relacionamento com elas. Como perdi meu pai quando era muito pequena, e é algo que sinto até hoje, uma falta enorme.

Você tem lembranças muito vivas de seu pai apesar de ter apenas 5 anos quando ele morreu.

Tenho. Eu tenho lembranças dele perfeitas. Lembro que esquiávamos juntos e ele me levava no trenó. Era muito presente, gostava de arte, dançava, gostava de cozinhar, gostava da vida! Ele tinha só 39 anos quando faleceu.

Uma personalidade marcante. E que outras lembranças você tem dessa época?

Lembro uma vez que fomos esquiar. Em um albergue nas montanhas uma noite eu comi algo e perguntei “_Mas que gostoso que é isso, o que é isso?” Era pata de urso (risos) Você não imagina o que é isso! Sinto o gosto, o sabor daquela coisa, até hoje!. Eu adoro urso, então, foi um choque. Até hoje, até hoje não, mas até os anos oitenta, quando fui pela última vez para a Romênia, acho que foi em 1987, ainda tinha caçadores que vinham da França, da Itália, para a caçada aos ursos. E a cada urso morto pagavam mil dólares ao governo. Era o tempo do governo de Nicolae Ceaușescu, tempo muito ruim. Ceaușescu acabou com o ser humano, com o país, com tudo apesar de ser um país pequeno é muito rico culturalmente. Temos mosteiros, maravilhosos. Na Moldávia, perto da Rússia, temos mosteiros pintados por fora e por dentro, afrescos maravilhosos. Em cada povoado temos pequenas igreja, tudo escuro por dentro, para conservar as pinturas. No meu espetáculo, quando entro, ouve-se o “tá tá tá” é o chamado – batida de ferro no ferro - para o povo, para os camponeses, o chamado para a missa. “táh,táh,táh...” em seguida o sino. Lindo! A minha filha Alexa, em 93 ou 94 ganhou uma bolsa de estudos na Romênia para estudar as danças e músicas folclóricas. Trouxe muita coisa, me emprestou e eu trouxe para o trabalho, que é para transmitir a cultura de outros países.

Sua avó morava em Buenos Aires, na Argentina.
Sim, Buenos Aires.

A primeira vez que sua avó chamou sua mãe para vir à Argentina ela não quis.

Não, ela não quis. Quando minha mãe casou minha avó veio à Romênia. Mas era difícil, havia muita mágoa. Minha mãe contava que seu irmão mais novo, Alfred – que morreu com dez anos de meningite – dizia para ela, nunca perder sua mãe por tê-los deixado, abandonado e ido embora.

Para sua mãe também não deve ter sido fácil.

Não. Não mesmo. Mas ela gostou de Buenos Aires, da Argentina, dizia que a Argentina a havia recebido de braços abertos. Mas, eu vou te dizer, eu nunca me dei muito bem. Sabe, achava que as colegas do liceu eram falsas. Quando eu entrei na faculdade de Farmácia e Bioquímica...

Tudo a ver com você (risos)

Tudo (risos). Quando entrei na faculdade mudou tudo. Eram outras cabeças, então gostei, mas eu nunca pude me esquecer da Romênia e do meu pai. Quando tinha nove anos, minha mãe casou-se com um intelectual polonês, mas nunca o aceitei. Eu estudava em um colégio de freiras e precisei deixar, porque ela iria casar-se com um polonês judeu. Eu não aceitava um padrasto.

Ela converteu-se?

Sim, ela se converteu. Meu padastro era uma pessoa com um cargo muito alto na comunidade, diplomata, escritor, jornalista. No entanto, eu não podia dizer que não era judia. Sou católica. Então, todo mundo pensava que era judia e eu ficava quieta. Essa situação, de uma certa maneira, matou a minha infância, adolescência. Nesse sentido, eu acho que amadureci com muita mágoa.

Na verdade, você teve que lidar com questões difíceis, muito cedo.

Muito cedo. Perder o pai, mudar de país. Meu pai era luterano. Na verdade, tenho dentro de mim um pouco de todas as religiões. Por outro lado, a noção do perigo durante a viagem tivemos anos depois quando, por puro acaso, soube que o navio Oceania, que nos trouxe à Argentina, na volta à Europa foi afundado por minas marítimas. O mar já estava minado quando viemos. O barco tinha que navegar em zigue-zague.

Vocês correram um grande perigo.

Minha vida toda. Um dia eu estava ensaiando, nos anos sessenta, em sessenta e oito, eu estava ensaiando Lisístrata, de Aristófanes, foi o Maurice Vaneau que dirigiu. Fazia parte do coro com a Lelia Abramo, Laura Cardoso, vários artistas, um elenco muito grande. Uma tarde, durante o ensaio, cai do cenário de uma altura de cinco metros. Para você ter ideia, caí do cavalo, a primeira vez, com quatorze anos, antes disso, já tinha batido de bicicleta no muro, nunca mais eu peguei uma bicicleta. Nunca mais. (risos) Minha mãe dizia que, porque eu gostava de balançar em árvores altas, que eu era selvagem e perguntava quando eu iria parar. Apanhei tanto na minha vida. (risos)

Sua mãe era rígida e metódica.

Sim. Lembro que pequeninha, gostava de ir a um acampamento de ciganos que havia próximo a minha casa no campo. Eu adorava brincar com as crianças do acampamento. Pulava corda com elas, brincava, tenho fotos. Minha mãe mandava a *fraulein* Lídia me buscar. Até que um dia ela disse que eu não era sua filha, que havia me comprado dos ciganos, que eu não deveria voltar ao acampamento. Para que ela falou isso? (risos) fiz uma trouxinha e fui



para o acampamento. Ela foi me buscar e eu apanhei demais por causa disso. Para mim era simples “_Mas você não falou que você não é minha mãe? Então, eu vim aqui para ver se eu encontro minha mãe cigana.” (risos)

Quantos anos você tinha?

Acho que quatro ou um pouco mais. Eu era terrível. Terrível assim, muito cheia de energia. Eu não gostava de fazer o que me mandavam. Até hoje, liberdade, para mim, acho que é o dom, é a coisa mais importante que temos. Os ciganos foram muito explorados nas cidades da Romênia. Quantos ciganos não mataram em campos de concentração também? Mataram os padres católicos também. Não foram só judeus não. Por isso digo o seguinte: o ser humano, hoje em dia, tem que ter muita tolerância. Muita paciência e generosidade. Toda paciência que a gente tem hoje é pouca. Olhar, vendo; comer, sentindo o gosto do que você está comendo. Tocá-lo, você estar presente em tudo que faz. Hoje em dia, ou se está na televisão, ou no computador, ou no celular. Você fala e as pessoas não ouvem, estão distraídas, com pensamento em outras coisas.

O que acha da tecnologia?

A tecnologia é maravilhosa, porque ajuda muito o ser humano. Por outro lado, está destruindo algo essencial que é o sentir, a alma. Hoje se esquece da alma, do pensamento. Não quero saber de máquinas porque não me dou com elas, mas as máquinas também não se dão comigo (risos). Hoje estamos precisando do toque, sentir a proximidade, sentir o calor. A voz, o encanto do olhar, olho no olho, porque você olha sem ver. Se eu olho, às vezes, sem ver, é porque eu não quero ver. Neste momento, conscientemente, os jovens estão muito distraídos com as máquinas. Será que estão virando máquinas?

Você valoriza a liberdade. Assim, não deveríamos nos aproximar da juventude de uma forma amorosa? Com menos críticas?

Sim e é isso que tento. Meu trabalho é justamente esse. Veja, quase morri em um acidente há um ano, aliás, eu fui e voltei. Eu senti uma sensação muito estranha. E eu voltei e ouvi a voz de Deus “_Você está voltando, não vai morrer ainda, porque não terminou suas missões”, e, realmente, depois desse acidente, eu sei que estou preparada, no momento que a morte vier, veio. Esse trabalho que estou fazendo, é algo muito importante para mim, o acabamento de uma das minhas missões. Sabe o que me falou, ontem, uma menina que acabara de assistir à *performance* “_Olha, eu não gostava da velhice, eu não aceitava, mas depois que eu vi você... Sabe, eu gosto, eu quero ficar velha, eu quero te ouvir.” Gosto da velhice! Para mim, isso, é muito grande, importante, chega ao coração!

É o retorno de sua obra

O retorno, exatamente. Então, vejo tudo em outra dimensão, eu sinto e penso muito diferente.

Takao Kusuno em um texto aponta que a fisiologia é um empecilho para que o dançarino se expresse livremente e que transgredir ou superar esses limites é a tarefa do dançarino em seu ato criativo

Mas sabe o que é? Conforme você envelhece, se transforma, não só espiritualmente, mentalmente, corporalmente. Você procura outros caminhos, você cria e começa outros movimentos, encontra outras possibilidades e outras impossibilidades, também. Assim, você tem que tentar essas impossibilidades até torná-las possíveis e positivas. Dar sua potência ao máximo. Quando se é jovem, há energia, movimentos, técnicas. Considero que a beleza da vida é isso também, que você vai se transformando e se adaptando às circunstâncias e encontrando novas maneiras de se expressar, de se movimentar, de criar, de repensar tudo.

Lembrando o que você ouviu, parece que todo mundo quer fugir do envelhecimento.

Não dá. Por exemplo, conheço uma senhora que não quer envelhecer. Deve ter, talvez, uns sessenta e tantos anos, mas se veste como uma adolescente. Fez mil plásticas. Está perdendo a beleza que existe no envelhecimento. A experiência da vida. Então, está sempre triste, em eterna depressão, porque não tem os vinte e poucos, trinta e poucos anos que gostaria. Cada idade tem sua beleza!

O texto de Kusuno traz que com o envelhecimento, o bailarino tem que ter, sim, a técnica como instrumento e como base da transgressão e superação das limitações do corpo.

Sim, você precisa de toda movimentação, todos os exercícios que você faz, a dança seja que tipo for, moderna, clássica, contemporânea, flamenco, afro, expressionista, o butoh, o movimento é

fundamental! Eu sempre procurei uma linguagem que não precisasse de muito texto falado, de me expressar sem muitas palavras.

Foi nesse momento que você encontrou o butoh. Nesse caminho...

Toda a vida procurei isso. Para mim foi muito difícil, porque sempre fui muito extrovertida e ao mesmo tempo tímida, no palco. Fazia mil coisas de dança, de exercícios, ginástica sueca, luta, esgrima, nadava, remava, andava a cavalo. Isso também me ajudou. Durante minha recuperação do acidente que sofri há um ano, a fisioterapeuta afirmou que se meu corpo não estivesse já preparado, eu não teria me recuperado tão rápido. Esse preparo me ajudou e salvou!

Você não considera que o prazer também deve estar presente? Não exercitar-se só para manter-se saudável, como uma obrigação.

O amor, na verdade é o amor puro. Tudo temos que fazer com amor. Até lavar um copo, um talher, o que for, porque se você não faz com amor e com gosto, melhor você não fazer. O corpo, sua mente, sua vontade, de alguma maneira, você se projetar e ter o prazer e realizar com amor.

De que forma superar essa “culpabilização” impingida, especialmente no envelhecimento? Se você não faz ginástica ou não se alimenta bem torna-se “culpada”!

Não, não tem que ter culpa. Eu entendo que qualquer atividade, se puser a alma, o corpo, alimentação, estar muito em contato com a natureza. Você sabe, quando estou aqui em São Paulo, estou bem, mas eu sinto muita falta do meu jardim, dos meus bichinhos, da natureza. Olhar o céu. Lá em Tiradentes, você olha e vê as nuvens barrocas, que me falam, eu leio na natureza e sinto coisas maravilhosas. Vejo danças nas nuvens,

nas folhas das árvores com o vento. É um prazer. A felicidade é feita do quê? De pequenas coisas. Seria muito chato se você não tivesse percalços básicos (risos). A felicidade é um átimo!

Temos que aprender a “nos ouvir”, saber o que nos desperta prazer, até para saber o que nos basta e o que nos faz feliz.

Sim, o que nos faz feliz. Para ser feliz, na verdade, precisamos de tão pouca coisa. Temos que saber aproveitar a vida, porque a vida é linda. Tem suas coisas, é perigosa, mas a gente tem que passar por esses perigos. Deus não manda as coisas por mandar. Gosto de citar Nietzsche na ideia de que ninguém pode construir em teu lugar as pontes que você precisa passar, para atravessar o rio da vida - ninguém, exceto você, só você. Nós mesmos que temos que fazê-lo, não se pode esperar que alguém faça por você. Temos que aprender a ouvir o silêncio, ele é mágico como a vida. É nosso mestre!

Aqui também temos a relação entre arte e vida. Viver é uma arte, certamente. Estamos todo o tempo improvisando. O que falo é o que vai na minha cabeça. Eu gosto das surpresas. Eu gosto dos desafios, como quando desenvolvi um trabalho com religiosos, sobre a “Conscientização do corpo na liturgia”, com padres e freiras, desde 1987. Ou ainda meu último trabalho em 2004, em um mosteiro dos padres capuchinhos, em Hidrolândia, Goiás. Ou nos anos setenta quando, na baixa da do Glicério aqui em São Paulo, realizei algumas ações com catadores de papel, da rua.

E esse trabalho do corpo e liturgia, como era? Essa questão do corpo na igreja é complexa. Na idade média, os religiosos consideravam o corpo um saco de lixo e, neste trabalho, percebi a necessidade de desenvolver a maturidade com

aqueles religiosos. Perder o medo do toque, de tocar o outro. Não precisa entrar o sexo, apenas os sentidos, dar um abraço. Afinal se você não se ajuda, como pode ajudar o outro? Você sabe, quando eu era pequena, queria ser freira. Quando contei isso a uma religiosa que participava desse trabalho ela disse “_Ainda bem que você não foi, Dorothy, senão como você poderia estar nos ajudando agora? Você estaria no meio da gente” (risos)

Assisti a uma performance sua em uma igreja em Tiradentes. Uma homenagem à Nossa Senhora do Rosário, linda!,

Foi, foi uma homenagem mas no início o padre não queria. No início inventou mil coisas. Até que afirmei que jamais faria algo que desrespeitasse o espaço da igreja. Mas foi algo bem pequenininho, mas é importante poder transmitir os sentimentos.

Mas lindo, você trazia lírios nas mãos...

Sim e depois o padre gostou muito e até me convidou para fazer outros trabalhos e eu já disse que é só chamar (risos). Gosto de ações com as crianças, com a comunidade. Me sinto viva! Sentimos a vida!

Dorothy, voltando, para questão do corpo, particularmente, o corpo que envelhece...

Tem que exercitar o corpo como exercita a cabeça.

Mas, para esse exercitar cada um pode encontrar seu próprio caminho.

Sim, claro. Uma caminhada, subir e descer uma escada, mas fazer isso conscientemente, respirando, olhando o céu, a natureza, as árvores. Você não acha que as árvores parecem esculturas de Deus? Uma vez, comecei a fotografar árvores,



plantas, o céu, se perceber bem tudo tem vida, muito especial! Então, tudo que sente, o ar que você respira junto com a sua natureza, tudo ajuda sua criatividade, sua percepção se amplia.

Voltando a Nietzsche “... a vida como uma obra de arte.”

Uma obra de arte... Viver é uma arte, a “Arte de viver”.

Temos hoje imputado aos velhos, a necessidade de serem ativos. No entanto, o ser ativo pode adquirir diversas formas...

Sim, sim. Pode ser até deitado na sua cama, sentado na poltrona... Em qualquer lugar (risos) Deixe a alma crescer e desenvolver ...!

Outra questão que você aponta é o respeito ao próprio ritmo.

Claro! Mas a gente tem que respeitar o próprio ritmo, assim como tem que respeitar o ritmo do outro. Tem que haver essa troca de energias, porque eu só entendo a vida assim.

Sem modelos prontos impostos!

Isso mesmo, não precisa. Cada um faz do seu jeito. Cada um encontra sua maneira de expressar-se. Cada um encontra sua maneira de exercitar-se. Porque quando alguém impõe “_Você faz assim! Você vai fazer assim!” Não. Não! “_ Eu posso assim” Você tem que usar o que pode e, também, respeitar o que você não pode. Mas, veja respeitar-se mas, não deixar de tentar, superar-se. Aquilo que acha ou considera que não consegue, tente! Tente para ver se consegue!

Perceber os limites.

Exato, os limites, porque tudo tem um limite. A alegria, a tristeza, o amor, a vida, até o respirar tem, tudo tem limite.

Você nos contou que tem recebido belas respostas do público em suas apresentações.

Tenho, por isso digo ser uma das minhas missões.

Dentro de sua perspectiva, quais caminhos possíveis para aproximarmos os jovens da ideia do envelhecimento quebrando preconceitos, de uma forma natural?

Em geral, percebo que o jovem tem muito pouco, não, pouquíssima paciência com o idoso, em geral, na vida. Há, é claro, os que respeitam, mas a maioria não. Vemos isso facilmente nas ruas, parece que há medo. Precisamos de mais amor, paciência, tolerância e respeito!

Uma forma é compartilhar sua vivência e experiências, como você faz.

Sim, a minha vivência, exatamente! Encontro jovens que dizem “_ Ah, Dorothy, eu quero, quando chegar a sua idade, ser igualzinha a você!”. Eu respondo “_É só você trabalhar, querida, e se trabalhar e trabalhar, e ajudar os outros. É importante você ajudar, porque você



“... a vida é uma troca constante. E, muitas vezes, precisamos, também, ficar sós para refletir a vida!”

ajudando o outro, você está se ajudando”. Tudo é uma troca. Você ensinando, está aprendendo.

Você considera que temos perspectivas de mudança desse olhar para o envelhecimento?

A arte pode ajudar nessa mudança?

Acho que sim, pelas respostas que recebo. Você tem que mexer com a cabeça e com a alma das pessoas. Parece que todos esqueceram que têm uma alma. A criança que temos dentro de nós, temos que alimentar, cuidar dela, preservá-la.

Mas é difícil ser autêntica?

É (risos). Temos que ter autenticidade em tudo que fazemos mas, é importante termos baixos e altos, tentações, para você ficar forte, para você enfrentar o que vem pela frente.

A arte te fortaleceu?

Muito. Agora vou te dizer, tem que ter esse amor dentro de você para examinar bem o que você realmente quer, porque há pessoas que não sabem realmente o que querem. Eu não sei viver sem arte e sem criatividade.

E o corpo? Você diz que é um veículo.

Sim, o corpo é tua casa, que está te abrigando, seu pensamento, sua energia, a sua alma.

Você tem que saber da sua potência, também.

Tem que cultivar. Temos tudo isso, mas não cultivamos e há um certo momento que acontece um choque. Tantos choques que tive na vida e estou aqui viva. Estamos vivos, vivos!

E cada um tem o seu caminho.

Sim, sim. Cada um tem seu caminho.

Você é seu percurso, aos 85 anos.

É, quase 85 anos (risos). Com todas as crises pelas quais passei, que os outros passaram, porque não deixamos de viver, também, as crises daqueles que vivem juntos conosco, por mais que você queira. É uma troca, a vida é uma troca constante. E, muitas vezes, precisamos, também, ficar sós para refletir a vida!

Nossa vida é feita de conexões, uma tessitura.

Uma rede... e nós somos todos iguais. O que interessa é comunicar-se, entender os outros. E ajudar e te ajudar, você tem que se ajudar e ajudar o outro, saber se doar!

Essa é outra questão. Você pode construir sua vida como bailarina, atriz mas, também, no anonimato.

Você pode e você deve, porque tudo é arte, se você quer saber. Tudo é arte. A natureza é arte, você quer coisa maior do que as esculturas de Deus? Tudo é arte, tudo. A arte de viver.

Para encerrar este encontro, você gostaria de dizer algo mais?

Sim. Seja autêntico! Ser autêntico e viver a vida com prazer, com alegria, com paciência, tolerância e generosidade. Cada um descobre por si como fazê-lo. Nesse momento, o mundo está muito doente. Precisa de amor e tudo que fazemos, devemos fazer com amor. É isso! Seja feliz, sejamos felizes! Estamos vivos! Amém! ☺